

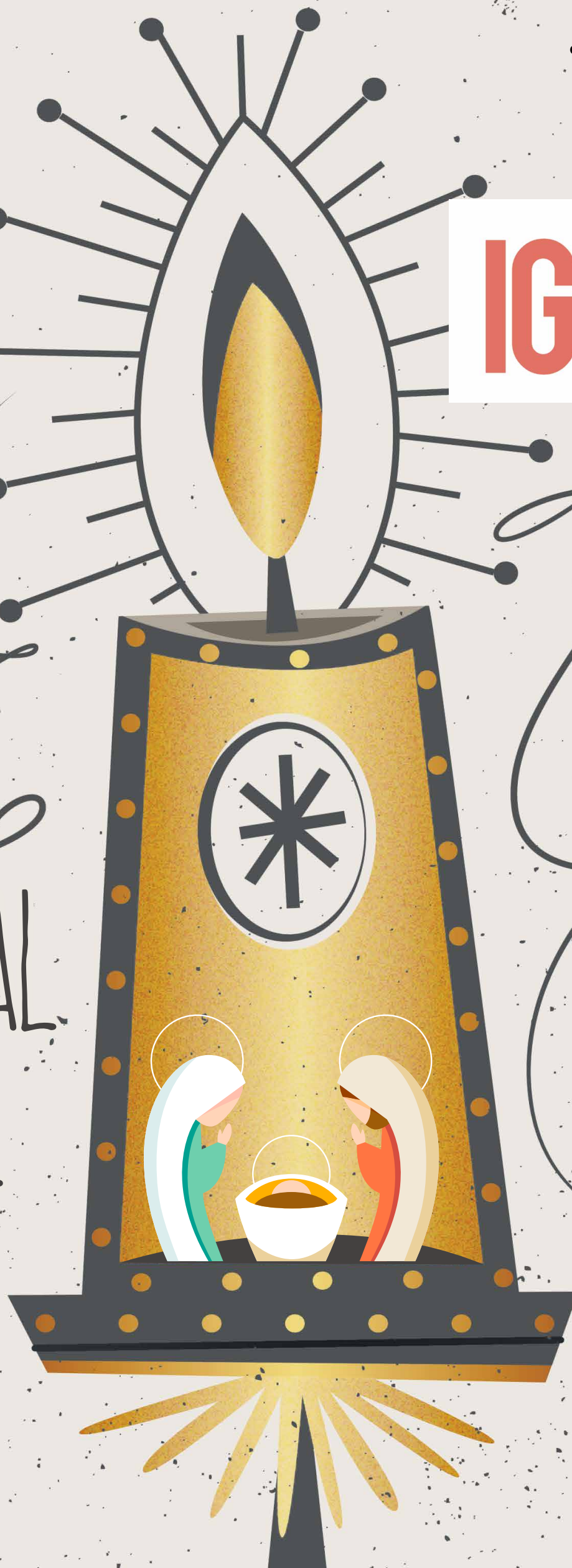
QUINTA-FEIRA • 24 DE DEZEMBRO DE 2015

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30897
de 24 de Dezembro de 2015, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

ESPECIAL
NATAL





“NATAL, OÁSIS DE MISERICÓRDIA”: MENSAGEM DE NATAL DE D. JORGE ORTIGA

O Papa Francisco diz que onde houver um cristão, aí se deve poder encontrar um oásis de misericórdia (MV 12). Encontramos nesta pequena afirmação o essencial deste Ano Santo.

A sede é uma das maiores dificuldades que a pessoa humana pode experimentar. Costumamos pensar nos desertos como locais áridos, cheios de areia e vento seco, sítios onde a água aparece como uma miragem. Mas há outros desertos para além daqueles que habitam o nosso imaginário ou à distância da televisão: os desertos humanos, que são imensos e nos aparecem todos os dias, mais ou menos perto de nós. Importa que alguém – qualquer um de nós, qualquer cristão – vá ao encontro destes desertos como um oásis oferecido, como água que sacia a sede. Sabemos que a Misericórdia não se limita ao perdão. Estaremos preparados para a experimentar e oferecer em pleno? Vivemos numa sociedade enferma, que cada vez mais necessita de atenções e respostas. Precisamos de estar atentos e vigilantes a todos os desertos, mesmo aos que, por vezes, se escondem e até surgem como paisagens verdejantes. O Natal é um tempo ainda mais favorável para permitir que o nosso coração toque nestas realidades.

O Natal é tempo favorável para a água abundante: que ninguém experimente a sede! “Bendito seja o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das Misericórdias e Deus de toda a Consolação! Ele nos consola em todas as nossas tribulações para que possamos consolar os que estão em qualquer tribulação, através da consolação que nós mesmos recebemos de Deus” (2 Cor 1, 3-4). Um dos elementos constitutivos do Ano Santo é a Peregrinação, normalmente entendida como a visita a um santuário. Quero, porém, convidar os cristãos, as nossas comunidades paroquiais, os religiosos, movimentos e associações, a que interpretem de um modo simbólico a Peregrinação, colocando-se a caminho e procurando abrir-se aos mais necessitados. O que é que isto significa? Que é necessário irmos ao encontro dos tristes, dos desalentados, dos desempregados, dos doentes, dos sozinhos, dos pobres, dos envergonhados, daqueles que experimentam situações de precariedade. Tornemos-nos, deste modo, oásis de misericórdia, proporcionando a todos o abraço de Cristo através da água do consolo e

“Acordemos e ouçamos tantos gritos a pedir ternura, carinho, tempo, atenções, dinheiro!”

do amparo solícito que distribuímos.

Acordemos e ouçamos tantos gritos a pedir ternura, carinho, tempo, atenções, dinheiro! Podem estar em nossa casa, na nossa família, na mesma rua, na mesma aldeia ou cidade. Iremos precisar de muita valentia e coragem para recomeçar sempre. Certamente o cansaço irá surgir, poderemos até vacilar, mas a esperança num mundo mais fraterno tem que persistir. Está nas nossas mãos, na mão de todos, construir esse mundo. As adversidades e o cansaço não podem ser obstáculos naquilo que é um direito essencial de todos, o da água abundante. O ser humano é um *Viator*, um peregrino que caminha dobrado sobre si mesmo, ou norteador pela meta da misericórdia a concretizar nas necessidades espirituais ou materiais. Sim, é verdade, há muitas sedes de consolação! A mais dramática é a sede de Deus. Assim sendo, pergunto: não

poderá ser interessante descobrir algum ateu ou agnóstico, alguém afastado das suas obrigações cristãs, a quem sejamos capazes de ouvir?

Mais ainda: estabelecer um diálogo, prestando todos os esclarecimentos e propondo o encontro com Deus. É um modo de anunciar Cristo e viver o Natal, oferecendo Deus a quem – mesmo ignorando ou desconsiderando esta necessidade – d’Ele tanto precisa. Estas pessoas estão ao nosso lado, todos os dias, onde quer que vivamos.

“Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado” (MV 2).

Bom Natal nesta peregrinação do encontro diário com Cristo em todos os rostos humanos, sobretudo naqueles que se encontram mais desencantados com a vida e naqueles que se afastam ou vivem à margem de Deus.

Que o Presépio deste ano seja um oásis que retempera energias a quem necessita de alguma coisa, material ou espiritual, para ser feliz.

O PRESÉPIO

JOSÉ LIMA

PADRE

De origem latina, *Presépio* tem a ver com estrebaria desde o século XIV. A palavra alude “a pequena construção e figuras de materiais diversos (barro, loiça, papelão) que representam o estábulo em Belém e as cenas que se seguiram ao nascimento de Jesus”.

Tudo se enraíza na eloquência de uma narrativa.

Os textos mais antigos remontam à carta aos Gálatas em que Paulo

Biblicamente, João não refere este acontecimento, mas situa o Verbo no seio de Deus, Deus junto de Deus, donde “se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14). Estamos no fim do primeiro século. As cenas do presépio constituem também uma forma de a Igreja Primitiva se opor a ideias docetas no pensamento de então.

Deus e homem, sem distância, vivem em familiaridade, em relação próxima. A teatralização do acontecimento deve

numa manjedoura, por não haver lugar para eles na hospedaria” (Lc 2, 7).

O Menino e sua Mãe são os elementos mais conformes, assistidos pelo cuidado esmerado do pai. O presépio pode revelar-se lacunar na ausência destas figuras essenciais. Os magos aparecem sobretudo narrados por Mateus (2, 1-12), ao passo que os pastores a quem é comunicada a notícia pelo anjo é figura própria



ABRAÇO NATALÍCIO

Sou pássaro que voa de asa aberta
A imergir na candura onde nasci,
A lembrar a ternura descoberta
No Natal de Jesus que estava ali.

Sou eu de novo e este amor que aperta
No clima dos natais que conheci
– Saudade que me aquece e me liberta –
Pois vivo agora do que então vivi.

Esta envolvimento é toda a minha vida
Que me entrelaça, de alma comovida,
Ao homem todo – irmão universal.

Estendo os braços calorosamente
Unindo no Menino toda a gente
E solto o grito: irmão, feliz Natal!

Valdemar Gonçalves

refere que “Deus enviou o seu Filho ao mundo, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da Lei” (Gl 4, 4). Estamos no ano 55-57 da nossa era. O texto apresenta o que pode ser considerado a mais antiga cena de presépio no Novo Testamento.

Seguem-se cronologicamente o evangelho da Infância de Lucas (2, 1-20) que apresenta o nascimento de Jesus: aí aparece além de Maria e José, a manjedoura no Monte dos Pastores. Da mesma data, surge Mateus que tudo situa no dinamismo dos textos mais queridos do Judaísmo: “Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, chegaram a Jerusalém uns magos” (Mt 2, 1). O acrescento é o da estrela e dos magos. A data é de meados da década de 80.

a sua orgânica central a S. Francisco, no século XII. É em plena Idade Média que se confeccionam os elementos que perduraram até aos nossos dias. O presépio vivo, como Catequese de Imagens, vai acontecer junto das gentes, como ainda hoje. Mais ou menos enriquecido com elementos populares, o Presépio lembra logo o infante e sua Mãe, seu pai, a gruta de Belém e a manjedoura de animais. Os elementos julgados essenciais na cena: a Mãe, o Pai e o Menino. Surgem depois os emblemáticos reis magos, a árvore, as casinhas da aldeia próxima de Belém, com todos os adereços das profissões possíveis. É assim que aparece esta paisagem bucólica da narrativa primeira de Lucas: “envolveu-o em panos e recostou-o

de Lucas. As restantes figuras são o resultado de composições da cena num monte de pastores.

A luz, embora presente na narração de Lucas, é mediada pela estrela que aparece em Mateus. Foi sempre um elemento figurante no presépio, encenando a intervenção de Deus neste quadro primeiro da sua presença entre os homens.

Importa hoje dar realce a toda a construção cénica (ao vivo ou plástica), o que acontece em muitas aldeias de Portugal. Sempre os presépios revelaram a arte dos povos conjugada com a magia da narrativa.

Que não se estiole a mensagem, já que o Natal inaugura uma era nova entre os homens!

NATALINHA

TEXTO: LUÍS DA SILVA PEREIRA

Era quase fim do dia. O sol já ia esconder-se atrás da serra do Marão toda coberta de neve. Joaquinzinho pegou na Mía ao colo e foi até à janela. Queria mostrar à gata aquela vista tão linda, o céu azul-laranja sem nenhuma nuvem, as árvores sem folhas, só com varinhas, tão rijas que nem o vento gelado as conseguia abanar. Que frio! Ainda se viam na relva do jardim restos do nevão que, no dia anterior, caíra leve, levemente, com uma estranha leveza.

Abriu a janela, pôs a Mía no peitoril, segurou-a bem segura, não fosse ela cair, e respirou fundo.

De repente, ouviu chamar da rua:

– Joaquim, Joaquinzinho.

Não podia ser! Nem queria acreditar. Era a voz do pai que estava mesmo a chegar, vindo lá de longe, de Bragança, de Moncorvo, de Macedo de Cavaleiros. Já tinha saído do carro e aberto a mala.

– Joaquim, anda cá para me ajudares.

Pulou de alegria. Colocou a Mía no chão, fechou a janela e chamou pela mãe e pela irmã.

– Mamã, mamã, Francisca, o papá chegou! Vou ajudá-lo a trazer as coisas.

E começou a descer as escadas, cheio de alegria. Que coisas seriam essas que o pai trazia?

Quando chegou à rua atirou-se ao pescoço do pai e cobriu-o de beijos. Olhou para a mala e viu lá um saco muito barrigudo, umas couves tronchudas e uns embrulhos com papel vermelho e laçarotes dourados.

– Que é isto, pai?

– São cascas de amêndoas para o fogão. Ardem muito bem. Dão cá um calor!



– E não trouxeste mais nada...?

O pai sorriu porque sabia bem do que é que o Joaquim estava à espera. Era de umas pastas de chocolate muito grossas e rijas, que era preciso partir a murro ou a martelo contra a pedra da banca da cozinha. Vinham embrulhadas num papel azul e numa prata que se alisava com a unha do polegar e servia para fazer o lago do presépio. Meteu as mãos nos bolsos do casaco e tirou duas pastonas desse chocolate que entregou ao sorrisinho lambareiro do filho.

– Vá, uma para ti e outra para a tua irmã. Agora ajuda-me.

E o menino enfiou a cabeça na mala do carro, agarrou nas orelhas do saco e começou a puxar. Não tinha ainda muita força, mas o pai queria que ele participasse no trabalho para aprender a ajudar. E ele até gostava. Precisava de estar sempre a fazer qualquer coisa. Tinha bichos-carpinteiros.

E, nesse momento, abeirou-se deles uma menina que ficou parada, só a olhar, sem dizer nada. Vendo que não se ia embora, o pai perguntou-lhe:

– Tu que queres, minha menina?

– Uma esmolinha – choramingou.

Olhou para ela com mais atenção:

– Ó minha menina, então tu andas descalça na rua, com este frio? Oh valha-me Deus! – exclamou, condoído.

Não tinha sapatos e vestia uma saíinha curta e um casaquito de lã esburacado. Os pés e as mãos estavam roxos de frio. Enfezadita, trazia os cabelos desalinhados e pingava do nariz. Metia dó.

– A tua mãe?

– Anda a pedir.

● – Oh valha-me Deus! – voltou a gemer o pai do Joaquim, profundamente perturbado com todo aquele desamparo.

O Joaquinzinho também olhava, admirado por vê-la

descalça. E, sentindo pena da menina, perguntou-lhe, baixinho:

– Como te chamas?

– Natália.

– Natália? Olha que nome bonito! – observou o pai. – Quantos anos tens?

– Faço oito, depois de amanhã.

– Depois de amanhã? No dia de Natal? Então é por isso que te chamas Natália! Anda cá. Vais comigo lá em cima para te arranjarmos de vestir e de comer.

Fechou o carro, deu a mão à menina e começaram a subir as escadas. O Joaquim seguia atrás e não despegava os olhos dela. Achava-a bonita. Ele era assim com as meninas. Gostava de todas.

A mãe e a Francisca esperavam à porta. Ambas olharam para a Natalinha, sem saberem o que se estava a passar. Depois de darem um beijo, disse o pai:

– *Mammy*, vê lá se arranjas alguma coisa para esta criança. Apareceu-me lá em baixo a pedir esmola. Não pode continuar assim, descalça e com esta roupa. Não haverá por aí nada que se lhe possa dar? – Depois, para a menina:

– Vem cá. Senta-te aí ao pé da salamandra para te aqueceres.

Puxou-lhe uma cadeira. Ela sentou-se, envergonhada, aproximou os pés e as mãos do fogão, e logo um sorriso se lhe abriu nos lábios. O Joaquim sentou-se também ao seu lado, sem dizer nada. Nunca tinha visto coisa assim. A Francisca, de pé, também olhava, sem saber o que havia de dizer.

Entretanto, a mãe fora ao quarto da filha procurar um vestido que pudesse servir à menina.

– Francisca, anda cá. Não te importas de dar este?

Era um vestidinho de lã xadrez, vermelho e branco, que já lhe ficava curto.

– Pode ser – disse a Francisca, que ainda não estava refeita da surpresa. – Já não me serve. A mãe tirou-o da cruzeta e pô-lo em cima da

cama. Depois abriu uma gaveta da cómoda e trouxe um par de meias altas, também de lã, que davam pelos joelhos. A Francisca achou bem. Estava condoída. E perguntou à mãe:

– Não me digas que também lhe vais dar uns sapatos!

– Claro que vou! Então havia de ir só com meias?

– Já agora, dá-lhe também um dos meus casacos – disse ela, com certa ironia na voz.

– E vou dar mesmo! Se não te importares, é claro... E uma camisola de gola alta. Não vês que a menina está a morrer de frio?

Levaram a roupa para a sala onde a Natalinha continuava a aquecer-se. Verificaram se a roupa lhe servia e, de facto, ficava-lhe na perfeição. Depois, a mãe conduziu a criança ao quarto de banho para a lavar. Ela foi, sempre em silêncio, com os olhos abertos de espanto, mas com um sorriso de contentamento. Ajudou-a a vestir-se e a calçar-se. Parecia outra.

Sentaram-se todos à mesa e serviram-lhe leite com cevada e uma larga fatia de sêmea com marmelada de laranja.

– Queres mais? – perguntou baixinho o Joaquinzinho, que agora estava mesmo apaixonado. Ela disse que sim com a cabeça, enquanto olhava para as rabanadas que a mãe ia servindo.

Depois levantaram-se da mesa e ela ficou parada, sem dizer nada. Só olhava e sorria.

– Agora vais para tua casa, está bem? – disse o pai.

Acompanharam-na à porta. A meio das escadas, a menina ainda olhou para trás, sempre a sorrir. Com a Mia ao colo, o Joaquim correu para a janela. Abriu-a. Já tinha caído a noite. À luz dos candeeiros, viu a menina afastar-se. Ia a cantar, dando pulinhos de alegria. Numa das mãos levava uma enorme pasta de chocolate, embrulhada em papel azul. Dera-lha o amigo, sem ninguém reparar. Depois de a perder de vista, Joaquim olhou para as estrelas e pareceu-lhe que estavam mais brilhantes e tremeluziam mais. Nem reparou que era das lágrimas que tinha nos olhos.

“VIEMOS ADORÁ-LO”

DOMINGO

DA EPIFANIA DO SENHOR

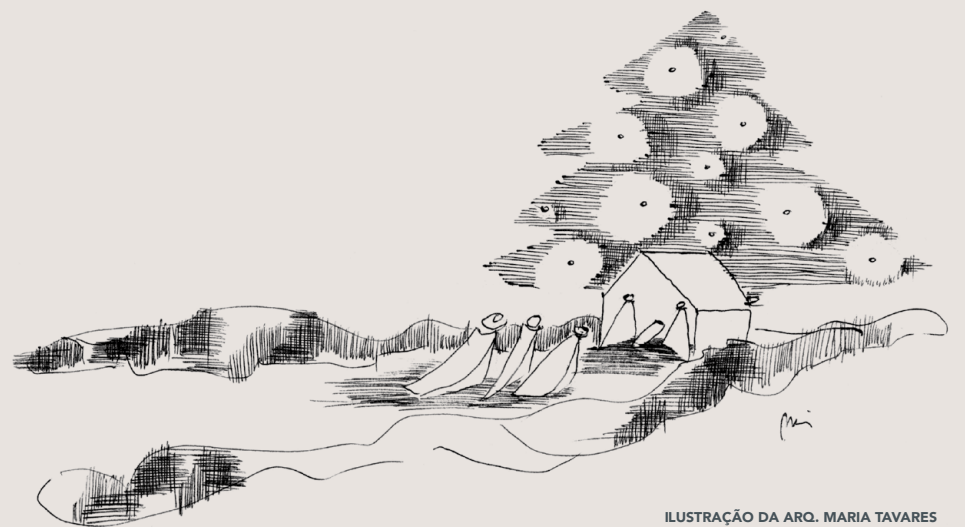


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Uns magos vindos do além*, F. Silva (Igreja Canta, p. 154; NRMS 76).
- **COMUNHÃO:** *Nós vimos a sua estrela no Oriente*, F. Santos (Cânticos de entrada e comunhão I, p. 70).
O Verbo fez-se carne, Az. Oliveira (Igreja Canta, p. 148; NRMS 47).
- **FINAL:** *Ó meu menino tão lindo*, M. Simões (Igreja Canta, p. 144; NRMS 39).

EUCOLOGIA

Orações próprias da Missa do Domingo da Epifania do Senhor (*Missal Romano*, p. 151).

Oração Eucarística III (*Missal Romano*, p. 529) com prefácio da Epifania (*Missal Romano*, p. 460).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 60, 1-6

Leitura do Livro de Isaías

Levanta-te e resplandece, Jerusalém, porque chegou a tua luz e brilha sobre ti a glória do Senhor. Vê como a noite cobre a terra e a escuridão os povos. Mas, sobre ti levanta-Se o Senhor e a sua glória te ilumina. As nações caminharão à tua luz e os reis ao esplendor da tua aurora. Olha ao redor e vê: todos se reúnem e vêm ao teu encontro; os teus filhos vão chegar de longe e as tuas filhas são trazidas nos braços. Quando o vires ficarás radiante, palpitará e dilatar-se-á o teu coração, pois a ti afluirão os tesouros do mar, a ti virão ter as riquezas das nações. Invadir-te-á uma multidão de camelos, de dromedários de Madiã e Efá. Virão todos os de Sabá, trazendo ouro e incenso e proclamando as glórias do Senhor.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 71 (72)

Refrão: Virão adorar-Vos, Senhor, todos os povos da terra.

LEITURA II Ef 3, 2-3a.5-6

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Efésios

Irmãos: Certamente já ouvistes falar da graça que Deus me confiou a vosso favor: por uma revelação, foi-me dado a conhecer o mistério de Cristo. Nas gerações passadas, ele não foi dado a conhecer aos filhos dos homens como agora foi revelado pelo Espírito Santo aos seus santos apóstolos e profetas: os gentios recebem a mesma herança que os judeus, pertencem ao mesmo corpo e participam da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho.

EVANGELHO Mt 2, 1-12

Evangelho de Nosso Senhor

Jesus Cristo segundo São Mateus

Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia, nos dias do rei Herodes, quando chegaram a Jerusalém uns Magos vindos do Oriente. «Onde está – perguntaram eles – o rei dos judeus que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-l'O». Ao ouvir tal notícia, o rei Herodes ficou perturbado e, com ele, toda a cidade

de Jerusalém. Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias. Eles responderam: «Em Belém da Judeia, porque assim está escrito pelo Profeta: ‘Tu, Belém, terra de Judá, não és de modo nenhum a menor entre as principais cidades de Judá, pois de ti sairá um chefe, que será o Pastor de Israel, meu povo’». Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos e pediu-lhes informações precisas sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela. Depois enviou-os a Belém e disse-lhes: «Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino; e, quando O encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-l'O». Ouvido o rei, puseram-se a caminho. E eis que a estrela que tinham visto no Oriente seguia à sua frente e parou sobre o lugar onde estava o Menino. Ao ver a estrela, sentiram grande alegria. Entraram na casa, viram o Menino com Maria, sua Mãe, e, prostrando-se diante d'Ele, adoraram-n'O. Depois, abrindo os seus tesouros, ofereceram-Lhe presentes: ouro, incenso e mirra. E, avisados em sonhos para não voltarem à presença de Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.

ANO C — 2016
EPIFANIA

A SUA GLÓRIA TE ILUMINA

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Encontrar-se com Jesus Cristo

CARACTERÍSTICA

Valorizar o sentido da adoração na relação com Deus através da oração

CONCRETIZAÇÃO: Com a solenidade da Epifania do Senhor concluímos as festividades do Natal. A Epifania é uma das festas mais importantes do calendário cristão. Celebra-se a manifestação do Senhor a todos os povos da terra. O termo epifania, de origem grega, significa “manifestação”. Uns Magos, vindos do Oriente guiados por uma estrela, vieram adorar o Senhor (acrescentamos as figuras dos Magos ao presépio).

Depois de terem encontrado o Salvador e de O terem adorado, no final de uma grande viagem, partiram por outro caminho conduzidos, agora, pelo reflexo da Luz nascida da Luz que brilhou diante dos seus olhos e que ilumina o mundo inteiro.

MISSÃO

Nesta semana, poderemos trabalhar um pouco na nossa vida esta capacidade de contemplação e adoração, numa visita que possamos fazer ao Santíssimo Sacramento (por exemplo, ao passar por uma igreja parar e entrar para rezar um pouco).

REFLEXÃO

É Natal, plenamente Natal! Com a Epifania — palavra que significa “manifestação” — o Natal recebe toda a sua plenitude: “os gentios recebem a mesma herança” (segunda leitura). Jesus Cristo não veio à terra apenas para os cristãos, mas para todos os seres humanos, homens e mulheres, para todas as nações, ricos e pobres, como recorda a profecia de Isaías (primeira leitura). Tal é a amplitude do mistério, “uma grande paz até ao fim dos tempos” (salmo): maravilha da salvação oferecida aos que, na noite, sabem levantar os olhos para ver a estrela e decidem pôr-se a caminho (evangelho). Para eles (e para nós), “uma grande alegria”!

“A sua glória te ilumina”

A primeira leitura proposta para o Domingo da Epifania, retirada do profeta Isaías, expressa o mistério do dia com uma espécie de pregação: “Levanta-te e resplandece, Jerusalém, porque chegou a tua luz e brilha sobre ti a glória do Senhor. [...] As nações caminharão à tua luz e os reis ao esplendor da tua aurora”. A luz como sinal de salvação volta a ser o tema dominante. Em estreita sintonia com esta palavra usam-se termos como resplandece, brilha, ilumina, esplendor, aurora.

A terceira parte do livro de Isaías (“Terceiro Isaías”) serve-se da imagem de Jerusalém, símbolo da presença de Deus, para afirmar que todos os povos hão de ir ao encontro da cidade, o mesmo é dizer, de Deus. Apesar de humilhada ao longo da história, agora, com a presença de Deus, Jerusalém atrairá a si todos os povos, todas as religiões, todas as culturas,

todas as pessoas. E trazem consigo os seus melhores dons. A cidade de Deus voltará a ser o orgulho dos povos e nela reinará a justiça e a paz; nunca mais haverá noite, pois será iluminada pelo próprio Deus: “A sua glória te ilumina”.

No contexto litúrgico, o trecho exprime o sentido da festa: a universalidade da salvação. O centro não é propriamente a cidade em si mesma, mas o facto de nela se manifestar a presença de Deus. A luz de Deus é para todos!

As palavras do profeta, carregadas de esperança, convidam os seus ouvintes a levantar o ânimo e a experimentar a misericórdia de Deus. Hoje, a profecia converte-nos em testemunhas do movimento de Israel da escuridão para a luz; do desespero para a esperança; da consternação para o bem-estar; da violência para a paz; do ódio para o amor.

Neste Ano Santo, Deus quer fazer brilhar a luz da sua misericórdia em cada pessoa. E quer precisar da nossa colaboração comprometida e alegre. Assim, o Natal desafia-nos a gerar amor. Jesus Cristo é Deus connosco, é o amor de Deus presente na nossa carne. O Natal é a revelação da gratuidade e da misericórdia, do amor e da alegria do Evangelho. “Quando dizemos ‘é Natal’ estamos a dizer: Deus disse ao mundo a sua última, mais profunda e formosa palavra numa Palavra feita carne [...]. E esta Palavra significa: eu amo-vos, a ti, mundo, e a vós, seres humanos” (Kark Rahner).

ELEMENTO CELEBRATIVO A DESTACAR

Use-se o turíbulo em toda a celebração (procissão de entrada, proclamação do Evangelho e apresentação dos dons).

Durante o momento de preparação penitencial, sugere-se a fórmula C (*Missal Romano*, pp. 443 e 444), com os seguintes tropos:

Senhor que viestes salvar os corações arrefecidos, tende misericórdia!
– Senhor, misericórdia!

Cristo, que viestes iluminar a escuridão dos povos com a vossa Luz, tende misericórdia!
– Cristo, misericórdia!

Senhor, que revelastes hoje a todos os povos o mistério da salvação, tende misericórdia!
– Senhor, misericórdia!

ORAÇÃO UNIVERSAL

Caríssimos cristãos:

Neste dia, em que Deus quis revelar a todos os povos do Oriente e do Ocidente a luz do Céu que o seu Filho trouxe à terra, oremos, dizendo (ou: cantando):

R. Iluminai, Senhor, a terra inteira.

1. Pelas Igrejas mais antigas e pelas mais recentes, para que saibam acolher quem busca a Deus e O mostrem no Menino, luz dos homens, oremos.
2. Pelos presbíteros, missionários e catequistas, para que saibam dizer aos que não crêem que a verdadeira luz do mundo é Jesus Cristo, oremos.
3. Pelos aflitos que perderam a esperança e por aqueles que ainda buscam quem os guie, para que o Filho de Maria seja a sua luz, oremos.
4. Por todos os baptizados desta paróquia (comunidade), para que venham a contemplar eternamente o Deus Menino que adoraram sobre a terra, oremos.
5. Por todas as crianças que este ano se estão a preparar para comungar pela vez, para que abram o seu coração à Luz do Senhor, e o busquem na contemplação e oração. Oremos.

Senhor, nosso Deus, que chamastes os pagãos à luz da fé, guiai os que nas trevas Vos procuram como os Magos vindos do Oriente, para que possam contemplar o vosso rosto no esplendor da glória celeste. Por Cristo Senhor nosso.

ADMONIÇÃO FINAL

A celebração da Eucaristia convidou-nos a ir ao encontro de Cristo, a prostrar-nos diante d’Ele e a adorá-l’O de coração sincero. Tomemos a atitude dos Magos, não fiquemos parados “no nosso cantinho”, mas partamos ao encontro da Luz e depois de a encontrarmos continuemos por outro caminho a anunciar e a testemunhar Jesus Cristo, Luz das nações!

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção solene da Epifania do Senhor (*Missal Romano*, p. 555).

A versão completa desta edição encontra-se disponível em <http://www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/>



CONCURSO DE PRESEPIOS

O Concurso de Presépios da Arquidiocese de Braga, realizado pela primeira vez este ano, registou um grande número de participações. Foram muitos os Presépios que o Departamento de Comunicação teve a oportunidade de conhecer, todos construídos a partir de vários materiais, de diferentes tamanhos, feitos e formas. Os nossos parabéns a todos os participantes!

Em www.arquidiocese-braga.pt pode visualizar todas as participações registadas.

AGENDA

26.12.2015

O LAGO DOS CISNES (RUSSIAN CLASSICAL BALLET)

21h30 / Centro Cultural Vila Flor

ATÉ 31.12.2015

EXPOSIÇÃO "NAUFRÁGIOS E PEREGRINAÇÕES"

Museu Nogueira da Silva

07.01.2016

CONCERTO DE ANO NOVO E REIS

21h30 / Teatro Circo

Sim
Assim, sim, não

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Cônego Manuel Joaquim.



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt



1.º

CONGREGAÇÃO DA DIVINA PROVIDÊNCIA E SAGRADA FAMÍLIA
Vencedor do 1.º Concurso de Presépios da Arquidiocese de Braga